

## AS PESTES DE 1833 E 1856

Estava o país a meio da guerra civil, quando outra tragédia entrou, sorrateiramente no país em 1833. A bordo do vapor London Marchant, juntamente com o general Solignac e duzentos soldados belgas, que vinham lutar ao lado dos liberais durante o cerco do Porto vinha também a *cholera morbus*, uma doença gastrointestinal contagiosa, cuja propagação fazia-se por meio de águas ou alimentos contaminados. Os primeiros sintomas eram fortes diarreias, desidratação, febres altas, vômitos, dores abdominais. Nos casos mais graves a temperatura corporal da pessoa baixava drasticamente e o doente morria em pouco tempo. Estudos posteriores encontraram a origem da doença no rio Ganges.

Em 1832 a peste que se tinha alastrado pelo norte da Europa, chegou a Portugal no meio de uma guerra civil, em que as condições de vida, de segurança e de higiene eram as piores possíveis.

Apesar de, nas epidemias anteriores ter sido possível pôr as tripulações dos barcos em quarentena, na urgência da guerra, tal não seria possível, e os soldados doentes não só foram contaminar os seus companheiros como, ao deslocar-se para o Algarve e daí para Lisboa levaram a doença ao sul e ao centro do país.

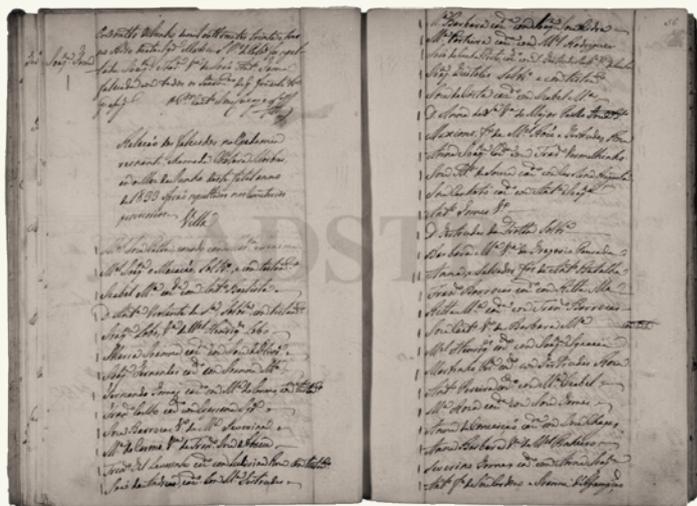
Se os líderes perceberam que as suas tropas estava a ficar doentes, nada disseram, com receio que os soldados saudáveis se recusassem a combater. Essa informação também não passou para a população com medo que se entrassem em pânico e deixassem de dar apoio aos militares. Foi, portanto, uma tempestade perfeita.

Nos livros de registos paroquiais de S. Pedro em Palmela, percebemos bem o impacto que a epidemia teve na população. No início da lista pode ler-se: *Relação dos falecidos na pandemia reinante, chamada Cholera Morbus, no mês de junho deste fatal anno de 1833. Serão sepultados nos cemitérios provisórios.*

Segue-se a lista dos defuntos, um nome por linha: 62 moradores na vila, 49 em Cabanas, 55 em *Quinta do Anjo, Bancelos e Aldea*, 26 nos Barris e 8 nas Quintas e Hortas.

A lista termina com a advertência: *Certifico que todos os relacionados falecidos forão socorridos com os sacramentos (...) e extrema unção, mas a mortandade era tanta e os (padres?) tão poucos que alguns pela distancia local não poderam ser sacramentados em tempo, recebendo apenas a Unção Extrema, enfim dias de aflição e de confinação (?) que nos cobrirão de luto e de lágrimas.*<sup>320</sup>

No total 200 pessoas terão morrido no mês de junho de 1833. Para comparação, vemos que, no mesmo ano de 1833 entre janeiro e final de abril, morreram em toda a freguesia 11 pessoas. Em julho e nos meses seguinte os números voltam



81 As páginas com as listas dos óbitos das vítimas da *cholera morbus* do livro de óbitos dos Registos Paroquiais, da freguesia de S. Pedro, da qual fazia parte a Quinta do Anjo.

ao normal. Não esquecer que Palmela na altura tinha duas freguesias e que por isso a mortandade pode ter duplicado. Um dos *cemitérios provisórios* referidos pelo escrivão pode estar localizado junto às ruínas da ermida de S. Brás. Contava a mãe de Isabel Frescata Montargil ter visto nesse local, durante a sua infância *essa terra ter sido lavrada. E perante os seus estupefactos e angustiados olhos surgiam à luz do dia ossadas e mais ossadas, numa dramática sucessão.* Estima-se que a pandemia tenha feito mais vítimas que a própria guerra. Não deve ter havido família que não tivesse sofrido perdas.

Nos anos 1855/56 houve outro surto de cólera<sup>321</sup>, com início no norte. As autoridades levaram muito tempo a reagir e a doença voltou a espalhar-se por todo o país. Podemos encontrar novamente o aumento da mortandade nos registos paroquiais da freguesia de S. Pedro, partir de dia 10 de fevereiro de 1856. Não indica quais os motivos das mortes mas informa que entre dia 10 e 28 de fevereiro foram enterradas 73 pessoas no cemitério da paróquia. Desta vez o surto não foi tão grave e o facto de estar o país num período de paz permitiu lidar com o problema adequadamente. Por comparação, no mês seguinte, março morreram apenas 3 pessoas e esse será o número normal de mortes para a população naquela época.

Neste surto a imprensa teve um papel importante em manter a população informada. Apesar do elevado número de analfabetos, os jornais eram lidos coletivamente e a informação já não era censurada pelas autoridades.